

## ***AÍ* especificador na fala, na escrita e na escola**

Maria Alice Tavares

Francisco Wildson Confessor

*ABSTRACT: In this article, we deal with a sort of *AÍ* which adds a specificity feature to indefinite noun phrases. Our main goals are: (i) describing intonational, morphosyntactic, semantic and pragmatic properties of *AÍ*; (ii) identifying its distributional tendencies in terms of speech, writing and discourse types; (iii) offering suggestions regarding the approach of grammatical matters in elementary and high school classroom environments.*

*KEY WORDS: *AÍ*; distributional tendencies; grammar teaching.*

*RESUMO: Neste artigo, abordamos um tipo de *AÍ* que adiciona um traço de especificidade a sintagmas nominais indefinidos. Nossos objetivos principais são: (i) descrever propriedades entoacionais, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas de *AÍ*; (ii) identificar tendências distribucionais de *AÍ* na fala, na escrita e em diferentes tipos de discurso; (iii) oferecer sugestões para a abordagem de tópicos gramaticais nas escolas de nível fundamental e médio.*

*PALAVRAS-CHAVE: *AÍ*; tendências distribucionais; ensino de gramática.*

### **Introdução**

Observemos “uns dados *AÍ*”:

(1) toco tanto que decoro ... *aí* num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... [um bocado de música *aí*] que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura (Informante 4, D&G/Natal).<sup>1</sup>

(2) “Mônica... *ai* desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “*pra* pagar [umas coisas *aí*]... cara... ainda bem que você me disse da... da sua mãe... porque a mãe dela nem mora aqui... (Informante 5, D&G/Rio de Janeiro).

(3) Serginho Groisman e Camila Morgado fazem entrevistas juntos e pensam em novos projetos em dupla. (...) A parceria, segundo o apresentador, deu certíssimo. E agora ele quer repetir: “Vamos diversificar com pessoas de cinema, artes plásticas, arquitetura. Estamos com [umas idéias *aí*...]” Camila ficou empolgada com o resultado: “Esses quatro primeiros foram meio pilotos, para ver no que daria. Mas pretendemos continuar.” (Jornal *Tribuna do Norte*, Natal/RN, 10/08/2003, Revista da TV, p. 5).

---

<sup>1</sup> Os colchetes foram acrescentados ao dado para delimitar o SN indefinido.

Nos exemplares acima, AÍ fornece ao sintagma nominal (SN) indefinido do qual é parte integrante o traço [+específico]. Em cada caso, o falante optou por apresentar de modo indefinido o referente do nome núcleo do sintagma através de um artigo indefinido (*um(a)(s)*). Ou seja, o falante não deixou claro para o interlocutor exatamente a que músicas, coisas e idéias está se reportando em (1) (2) e (3), respectivamente. Todavia, a presença de AÍ no SN indica que, apesar de o referente em questão ter sido apresentado como indefinido, ele é específico do ponto de vista do falante, que indica, pelo uso de AÍ, que sabe de que se trata esse referente, mas que, por alguma razão, não quis revelar mais a respeito dele.

Neste estudo, na esteira de uma abordagem funcionalista, visamos a: (i) caracterizar o comportamento de AÍ especificador quanto a propriedades morfossintáticas, semântico-pragmáticas e entoacionais; (ii) averiguar tendências distribucionais de AÍ no que diz respeito à modalidade da língua (fala e escrita) e ao tipo de discurso (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento, relato de opinião); (iii) fornecer contribuições para o ensino/aprendizagem de gramática da língua materna, atentando para o caso dos especificadores de SN indefinidos.

Para as análises qualitativas, valemo-nos de amostras de fala e escrita de diferentes gêneros de discurso (cuja fonte é identificada junto a cada exemplo apresentado), além de algumas frases criadas<sup>2</sup>. Contudo, os dados que utilizamos para a observação das tendências distribucionais de AÍ quanto à modalidade da língua e aos tipos de discurso provêm de Confessor (2006),<sup>3</sup> que empregou como fonte os *Corpora Discurso & Gramática* (D&G) referentes às cidades do Natal (RN) e do Rio de Janeiro (RJ).

## 1. Uns aspectos teóricos AÍ

Adotamos o suporte teórico do funcionalismo lingüístico norte-americano, que investiga as formas lingüísticas sempre em consonância com as funções a que servem em situações reais de comunicação lingüística. Para o funcionalismo, a gramática é um

---

<sup>2</sup> Os dados criados foram testados com alunos e professores de graduação e pós-graduação de cursos variados, bem como com alunos de ensino médio da rede pública.

<sup>3</sup> Confessor (2006) investiga o comportamento morfossintático e semântico-pragmático de AÍ especificador controlando diversos fatores de natureza lingüística e social pertinentes a seus contextos de uso.

sistema aberto, uma vez que é fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, inclusive em termos de frequência, o que faz com que correlações entre funções e formas estejam continuamente em mobilidade.

A gramática varia conforme as modalidades de manifestação da língua (fala e escrita), os gêneros do discurso, os graus de formalidade da situação e os interlocutores, que possuem experiências particulares com a língua. Falante e ouvinte, devido às assimetrias existentes entre suas experiências, necessitam negociar e adaptar funções e formas para levar sua interação lingüística adiante, o que instiga a mudança: adaptações feitas durante a interação, como tentativa de obtenção de êxito no processo de troca verbal, podem ocasionar o surgimento de novos padrões gramaticais que, se frequentemente repetidos, rotinizam-se, tornando-se parte da gramática da língua.

Denomina-se *gramaticalização* o processo de rotinização através do qual uma palavra ou construção frequentemente utilizada em situações comunicativas particulares adquire, no curso do tempo, *status* de item gramatical, ou pelo qual uma palavra ou construção já pertencente ao elenco de itens gramaticais de uma língua migra para uma nova função gramatical. (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993). As mudanças entonacionais, morfossintáticas e semântico-pragmáticas acarretadas pela gramaticalização são induzidas pelos contextos de uso das formas relevantes.

A trajetória de gramaticalização de advérbio dêitico espacial a especificador percorrida por AÍ foi estudada por Martelotta (1994) e refinada por Tavares (2002a/b), consistindo nas seguintes etapas: dêitico 1 > dêitico 2 > especificador, representadas respectivamente pelos exemplos: (i) Eu falei com [um menino] *aí* (nesse lugar); (ii) Eu falei com [um menino (desses que estão) *aí*]; (iii) Eu falei com [um menino *aí*]. De acordo com essa proposta, o item migrou de uma função ligada ao domínio *de re* (mundo real), em que aponta para um lugar do mundo exterior à fala (dêitico 1, como em (i)), para uma função ligada ao domínio *de dicto* (mundo do discurso), em que especifica um SN indefinido (como em (iii)), passando por uma função híbrida entre dêixis e especificação (dêitico 2, como em (ii)), em que aponta para um indivíduo ou objeto, indicando ser este um ser que se encontra em lugar próximo ou um entre outros que se encontram em um lugar próximo. Ou seja, na transição da referência ao mundo exterior para a referência ao mundo do discurso, há um estágio intermediário de ambigüidade em que AÍ se refere simultaneamente a ambos os mundos.

Essa mudança funcional sofrida por AÍ, que passou da codificação no plano do mundo concreto (denotando lugar) para a codificação no plano do mundo do discurso

(indicando a especificidade de um SN indefinido), está ligada a um importante percurso de mudança metafórica. Segundo Heine *et al.* (1991, p. 179), “Uma das principais metáforas que atua no desenvolvimento de categorias gramaticais refere-se à transferência do mundo da experiência sensorio-motora, dos objetos visíveis e tangíveis, de relações espaço-temporais para o mundo do discurso.”

## 2. Caracterizando AÍ especificador

De acordo com Payne (1997), as relações gramaticais constituem os principais meios de expressão do *status* pragmático de elementos nominais, codificando no discurso, entre outras, indicações a respeito do grau de identificabilidade/definitude e de referencialidade/especificidade dos nomes. AÍ especificador é um dos itens gramaticais que, no português brasileiro contemporâneo, atua na expressão do *status* pragmático de elementos nominais, codificando indicações a respeito do grau de especificidade de um nome núcleo de um SN indefinido.

Enç (1991) define o SN indefinido como aquele que não possui antecedentes no discurso. Esse SN será não-específico se não estiver relacionado por partitividade a referentes anteriores. Todavia, será específico se estiver relacionado a referentes previamente estabelecidos no discurso, caso em que recebe interpretação partitiva. Segundo Enç, adjetivos como *certain* constituem uma exceção a essa proposta, já que atuam sempre como especificadores, embora não exijam interpretação partitiva. Observemos um exemplo: “Each reporter was assigned to [a *certain* politician] by the editor.”

No português brasileiro, SN indefinidos contendo AÍ podem estar ou não em relação de partitividade com referentes previamente estabelecidos no discurso, assemelhando-se aos SN com *certain* no inglês (e com *certo* no português). Vejam-se:

- (4) a. Diversos professores saíram apressados da sala. [Um professor *aí*] derrubou um vaso.  
b. Diversos professores saíram apressados da sala. [Um professor] derrubou um vaso.
- (5) a. Cátia deve vencer [uma concorrente *aí*] se quiser ser a primeira do *ranking*.  
b. Cátia deve vencer [uma concorrente] se quiser ser a primeira do *ranking*.

Em (4a), o SN indefinido provido de AÍ refere-se a um professor que faz parte do conjunto dos professores que saíram da sala. Ou seja, há relação de partitividade implícita com um antecedente presente no contexto discursivo e a interpretação é a de que se trata de um professor específico, parte de um conjunto dado anteriormente. Em (4b), o SN também é específico, pois apresenta leitura partitiva independentemente da presença de um item especificador. Soaria estranho dizer (4b) se o professor que derrubou o vaso não fosse um dos que saíram da sala.

Diferentemente, em (5a), o SN indefinido traz a primeira menção à concorrente, e, portanto, embora específico, não mantém relação com referentes discursivos lexicalmente explícitos no discurso anterior. A interpretação de (5a) é de que Cátia deve vencer uma concorrente específica, embora não identificada. Por sua vez, o SN indefinido de (5b) não informa nada em termos de especificidade, pois não está marcado positivamente para ela, uma vez que não mantém relação de partitividade com um referente anterior nem possuiu um item especificador. Portanto, não podemos ter certeza, tendo por base apenas (5b), de que a concorrente é específica, isto é, de que já é sabido de quem se trata, sendo inclusive possível a interpretação de que se Cátia vencer qualquer concorrente, será a primeira do *ranking*. Em contraste, em (5a), a especificidade está marcada no SN: é informado que a concorrente é específica, de identidade conhecida.

Uma propriedade de AÍ que ilustra seu caráter de item de especificidade é o fato de barrar a leitura genérica de sentenças:

- (6) a. [Um coelho] come cenoura.
- b. [Um coelho *ai*] come cenoura.

(6a) pode ter leitura genérica, isto é, *para todo x, se x é um coelho, x (caracteristicamente) come cenoura*. Pode também ter leitura específica, isto é, *há um x, x é um coelho, tal que x come cenoura*, o que ocorre, por exemplo, em *Tenho dois coelhos. Um coelho come cenoura, o outro come ração*, caso em que o SN *um coelho* tem leitura partitiva implícita: *um dos meus coelhos come cenoura*. Já (6b), em consequência do traço [+específico] de AÍ, somente permite leitura específica, independentemente de haver ou não a possibilidade de interpretação partitiva.

AÍ, ao codificar a especificidade de um SN indefinido, pode disparar, no interlocutor, implicaturas conversacionais (cf. Grice, 1975; Levinson, 1983) sobre o

conhecimento que o falante tem a respeito do referente do SN e das razões pelas quais não revelou mais informações sobre ele. Geralmente, o falante, ao se valer de AÍ especificador, implica que é pouco importante para o ouvinte saber mais sobre o referente do SN ou que ele (falante) não quer dizer mais. Observemos-se o seguinte exemplo, extraído da fala de um personagem de novela televisiva:

(7) Vou sair. Vou aproveitar para resolver [um assunto *aí*]. Mais tarde eu volto.<sup>4</sup>

Fatos acontecidos antes permitem ao espectador saber que o falante tinha a intenção de não revelar nada acerca do que ia fazer para o ouvinte. É essa intenção que motiva o emprego de AÍ no SN indefinido em (7): como o falante não deseja fornecer maiores informações sobre aquilo a que se refere, tenta implicar, através do uso de AÍ, que se trata de algo que não merece maior atenção ou preocupação por parte do interlocutor ou mesmo que se trata de algo que não lhe diz respeito.

Além de implicaturas a respeito das razões que levam o falante a não revelar a identidade do referente do SN indefinido, AÍ pode disparar implicaturas envolvendo valoração negativa, qualificando o referente do nome por ele especificado como de baixa qualidade ou como sendo algo ou alguém dotado de qualidades negativas, leitura possível para, por exemplo, *Patrícia contratou um pedreiro aí para construir o muro*. Tal leitura depende, obviamente, de uma gama de informações contextuais para ser depreendida, tanto que AÍ pode ser utilizado também em contextos que deixam claro tratar-se o referente do SN indefinido algo importante, como ilustra a ocorrência a seguir, extraída do diálogo presente nos dois primeiros quadrinhos de uma tirinha publicada no jornal *Folha de São Paulo*, em 13 de julho de 2001:

(8) A: Orelha, seu sumido! Faz tempo que não aparece!

B: Sei lá, tenho andando ocupado, fazendo [umas paradas importantes *aí*.]

Como o falante não deseja fornecer maiores detalhes acerca daquilo a que se refere com “umas paradas importantes”, acrescenta a esse SN indefinido o item de especificidade AÍ, talvez querendo dizer que se trata de algo importante para ele, falante, mas que não diz respeito a seu interlocutor. Ou talvez utilize AÍ especificador para retardar a entrega de informações mais precisas sobre a natureza das “paradas”, um

---

<sup>4</sup> Dado extraído da novela *Andando nas nuvens*, da rede Globo.

mecanismo retórico do qual um falante pode se valer para criar suspense e despertar a curiosidade do ouvinte. No terceiro e último quadrinho da tirinha, aparece um esclarecimento a respeito da identidade das “paradas” a que o personagem Orelha se refere: ele tinha estado fazendo grafitegens artísticas em muros. E na tirinha imediatamente subsequente, aparece uma série de desenhos que se podem interpretar como sendo grafitados e, acima destes, está escrito “Esboços de um lance que eu fiz para uma parada aí.”

Aí faz parte do SN ao qual especifica, o que pode ser comprovado mediante a alteração da posição ocupada por esse SN na oração: Aí obrigatoriamente o acompanhará. Ele sempre aparece adjungido à direita do nome indefinido que especifica, evidência de que é dependente dele sintaticamente (cf. Tavares, 2001). Logo, Aí pode ser considerado um clítico, isto é, um morfema gramatical que atua no nível sintagmático e está preso fonologicamente a outra palavra.<sup>5</sup> No que diz respeito a este último quesito, Aí não aparece no discurso de maneira isolada (como resposta a uma indagação, por exemplo), mas sempre ligado a um nome. Além disso, o SN indefinido com *aí* tem entonação descendente, tendo Aí acento mais fraco que o nome, o que é mais um indício de que pertence ao SN: integra a unidade entoacional do elemento nominal a que acompanha.<sup>6</sup>

Além de tomar parte em SN compostos por um nome nuclear acompanhado pelo artigo indicador de indefinitude *um(a)(s)*, como ocorre nos exemplos apresentados acima, Aí especificador pode integrar SN cujos determinantes são pronomes

---

<sup>5</sup> Aí especificador também pode ser cliticizado a um adjetivo qualificador do nome nuclear do SN. Por exemplo: “meu pai... estava [numa crise enorme aí]...” (Informante 8, D&G/Rio de Janeiro). Consoante Payne (1997), o hospedeiro de um clítico pode ser qualquer um dos constituintes do SN. O autor apresenta como exemplo o artigo *the* do inglês, que pode ser cliticizado a membros diversos do SN: *the dog* (cliticizado ao núcleo); *the big dog* (cliticizado ao modificador); *the two big dog* (cliticizado ao numeral).

<sup>6</sup> O acento pode ser um fator diferenciador entre Aí especificador e Aí dêitico locativo, que indica, entre outros, espaço externo próximo ao ouvinte, como em: “A senhora não deixa a chave aí, porque, às vezes pode- assim como eu vi, outros podem ver.” (FLP16:822, Banco VARSUL). No que diz respeito a essas duas funções de Aí, é possível haver ambigüidade em uma oração como “Priscilla falou com [um menino *aí*]”: Priscilla falou com um menino no local para o qual o falante está apontando deiticamente, ou Priscilla falou com um menino específico, cuja presença no local da enunciação não é necessária para que a oração em questão seja empregada? A identificação do acento pode ajudar a solucionar essa ambigüidade: acento fraco = especificador; acento forte = dêitico.

comumente empregados para sinalizar quantidade indefinida: *algum(a)(s)*, *vários(as)*, *diversos(as)*, etc.<sup>7</sup> Observem-se algumas possibilidades: *Eu falei com [alguns colegas ai] e eles me disseram que são contra a greve. [Vários alunos ai] não quiseram ter aula no sábado.* Os pronomes indefinidos quantificadores que podem co-ocorrer com AÍ são aqueles que têm por escopo apenas um ou alguns elementos de um conjunto, em oposição aos que abrangem todos os elementos de um conjunto.<sup>8</sup>

### 3. Fala, escrita e uns tipos de discurso AÍ

Apresentamos, a seguir, resultados referentes à distribuição de AÍ especificador em uma amostra de dados composta pelo *Corpus Discurso & Gramática/Natal* (FURTAO DA CUNHA, 1998) e pelo *Corpus Discurso & Gramática/Rio de Janeiro* (VOTRE; OLIVEIRA, 1995). Esses *corpora* são constituídos de textos orais e escritos de cinco tipos: (i) *narrativa de experiência pessoal*: relato em que o informante conta um fato que se passou em certo tempo e lugar, envolvendo a si mesmo e a outros indivíduos; (ii) *narrativa recontada*: relato de um fato que se passou em certo tempo e lugar com outros indivíduos que não o informante, e que tenha sido reportado a este por alguém; (iii) *relato de procedimento*: descrição das etapas necessárias à realização de alguma tarefa ou processo, caracterizando-se pela exposição dos eventos em ordem cronológica e pela ênfase na ação; (iv) *descrição de local*: tipo de discurso em que um local é exposto detalhadamente em suas peculiaridades e contornos; (v) *relato de opinião*: o informante tece considerações a respeito de determinado tema, evidenciando sua opinião acerca do mesmo.

Os resultados apresentados nesta seção são oriundos de Confessor (2006) e permitem fazer um diagnóstico sobre o comportamento de AÍ especificador bastante útil para a fundamentação de nossa proposta referente à abordagem, em salas de aula de ensino fundamental e médio, de itens lingüísticos indicadores de especificidade no SN indefinido, delineada na próxima seção.

Com relação à modalidade da língua, AÍ especificador restringe-se, em nossa amostra de dados, à oralidade (cf. tabela 1), o que pode ser atribuído ao fato de que

---

<sup>7</sup> Segundo Bechara (2004), o artigo indefinido *um(a)(s)* também é abarcado pela categoria dos pronomes indefinidos.

<sup>8</sup> Bechara (2004, p. 193) apresenta alguns exemplos de pronomes indefinidos que se referem a uma totalidade de elementos: *Todos os homens são bons. Cada livro deve estar no lugar próprio. Qualquer falta merece ser punida. Livro algum será retirado sem autorização. Nenhum erro foi cometido.*

costuma ser considerado, pelos professores de língua portuguesa e mesmo pelos usuários da língua em geral, como típico da fala (e apenas em situações mais informais ou coloquiais) ou até mesmo como um “vício de linguagem” ou uma “partícula sem função” (cf. TAVARES, 2001, 2002b). É possível que AÍ tenha tão pouco prestígio social por ser uma forma relativamente recente na codificação da especificidade (cf. TAVARES, 2002b). Nas palavras de Labov (2001, p. 06): “As comunidades diferem na extensão com que estigmatizam as novas formas da língua, mas eu nunca encontrei ninguém que as recebesse com aplausos.” Quiçá, futuramente, AÍ especificador passe a ser aceito em contextos de maior formalidade, tanto na fala quanto na escrita. Isso apenas o tempo dirá...

Na escrita, os itens que predominam no papel de especificadores de SN indefinidos são pronomes indefinidos adjetivos como *certo* e *determinado*. Vejamos alguns exemplos provenientes de textos escritos integrantes dos *Corpora D&G/Natal* e Rio de Janeiro:

(9) Era uma 4<sup>a</sup> feira, por volta das 14:00 horas, quando peguei o ônibus com destino a casa deste amigo. Durante o percurso, o ônibus chega em [um *determinado* “largo”] e desce a grande maioria dos passageiros, ficando apenas poucas pessoas no ônibus. (Informante 7, D&G/Rio de Janeiro).

(10) Em [um *certo* feriado] de 1993 fomos fazer um retiro na praia de coqueiros, próximo a touros. Uma cidade pequena, conseqüentemente com poucos habitantes. (Informante 9, D&G/Natal).

A função básica de *certo* e *determinado* nos exemplos acima é adicionar ao SN indefinido um traço de especificidade. Como AÍ especificador desempenha a mesma função, é igualmente um membro da categoria de especificadores e, talvez, até possa ser considerado um pronome indefinido adjetivo.

<b>Modalidade</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Oral	14	100
Escrita	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Tabela 1: Ocorrências de AÍ especificador por modalidade da língua

*AÍ* especificador de SN indefinidos aparece em todos os tipos de discurso (cf. tabela 2), embora sua taxa de frequência seja maior no relato de opinião e na narrativa (a soma das ocorrências de *AÍ* nos dois tipos de narrativa, de experiência pessoal e recontada, é igual ao número de ocorrências encontradas no relato de opinião, cinco). Destarte, parece não haver restrição quanto à ocorrência de *AÍ* em nenhum tipo de discurso no português brasileiro oral.

<b>Tipo de Discurso</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Narrativa de Experiência Pessoal	3	21,43
Narrativa Recontada	2	14,29
Descrição de Local	1	7,14
Relato de Procedimento	3	21,43
Relato de Opinião	5	35,71
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Tabela 2: Ocorrências de *AÍ* especificador por tipo de discurso

#### **4. *AÍ* especificador na escola?**

Aprender a pensar e falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise lingüística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pela qual a seleção de tais recursos reflete as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte. Supõe, também, tomar como objeto de reflexão os procedimentos de planejamento, de elaboração e de refacção dos textos. (Parâmetros Curriculares Nacionais/5ª a 8ª séries, p. 27-28)

Para que cheguemos a um processo de ensino/aprendizagem de língua materna eficaz e produtivo, é necessário que adotemos uma trajetória de abordagem aos fatos gramaticais que faça sentido para os alunos e também que estimulemos o estudo da gramática através de experiências de leitura e produção de texto que representem práticas reais da língua e não situações artificialmente criadas. O momento adequado para o estudo de advérbios de tempo, ou da coordenação entre orações, ou da indicação de especificidade no sintagma nominal não deve ser determinado pela ordenação dada aos capítulos de algum livro didático, e sim porque alguém falou, ouviu, leu ou escreveu

algo que gerou a necessidade de aprofundamento de um ou outro desses tópicos gramaticais.

No caso de AÍ especificador, por exemplo, um aluno pode tê-lo percebido em uma novela televisiva, em uma tirinha de jornal ou mesmo na conversação cotidiana, seu *locus* mais comum, e então perguntar ao professor para que serve essa forma – torcemos para que as considerações feitas nas seções anteriores mostrem ao professor que o AÍ especificador não é um mero vício de linguagem ou uma simples partícula sem função... É possível também que um aluno utilize esse tipo de AÍ em um texto formal, situação em que a forma costuma receber avaliação negativa, o que abrirá as portas para a discussão dessa questão.

Uma vez criada a necessidade de abordagem de um fenômeno gramatical em sala de aula, quais são as estratégias a serem seguidas? Certamente, estratégias que impliquem leitura, produção e análise de textos: para compreender o que é e como usar um item gramatical, é preciso observar os empregos que vêm sendo dados a esse item no português contemporâneo, e, a seguir, praticar em textos próprios.

Há duas possibilidades para o estudo da gramática: (i) a perspectiva da forma, em que os alunos refletem sobre as várias funções desempenhadas por um item (por exemplo, os alunos podem observar o comportamento de AÍ como advérbio, conector, especificador de SN indefinidos, etc); (ii) a perspectiva da função, em que os alunos refletem sobre diferentes itens que possuem uma mesma função. Sob essa perspectiva, podem ser tratados fenômenos como referência, quantificação, qualificação, localização espacial, indicação temporal, negação, modalidade, indeterminação, especificação, conexão entre orações, etc – os alunos buscam descobrir que recursos formais os falantes/escritores utilizam para expressar cada uma dessas funções e sob quais circunstâncias. As sugestões que fornecemos aqui contemplam esta última perspectiva.

Como um primeiro passo, os alunos podem ser estimulados a mapear ocorrências de AÍ, CERTO e outros indicadores de especificidade de SN indefinidos em textos reais, orais e escritos, de diferentes gêneros – novelas televisivas, entrevistas jornalísticas orais e escritas, notícias publicadas em jornais e revistas, telefonemas, cartas, piadas, conversações mais e menos formais, *e-mails*, tirinhas, contos, etc – para então analisá-los comparativamente quanto a suas propriedades.

Nessa análise, os alunos refletem sobre a indicação de especificidade no português brasileiro, buscando responder a questões como (o grau de aprofundamento

das respostas a serem dadas a cada questão depende da maturidade dos educandos): (i) para que servem essas formas? (expressam a especificidade de um nome apresentado pelo falante/escritor como indefinido através de um sintagma nominal indefinido); (ii) o que elas possuem em comum? (a função gramatical de indicação de especificidade; a capacidade de conduzir a implicaturas similares, dependendo do contexto de uso; o fato de integrarem o SN indefinido e possuírem posição fixa); (iii) o que as diferencia? (AÍ especificador vem posposto ao nome que especifica, e CERTO vem anteposto; AÍ predomina na fala informal ou em textos escritos de maior informalidade, e CERTO aparece em ambas as modalidades da língua, geralmente ligado a situações de maior formalidade).

Em atividades desse tipo, são levados em conta a experiência particular de cada aluno e o que eles observam nos textos, a fim de permitir que a turma vivencie e, ao mesmo tempo, reflita sobre os usos dados aos itens de especificidade por falantes/escritores do português atual. Essa atividade de reflexão, por ser baseada na análise de textos orais e escritos de diferentes gêneros com graus de formalidade variados, contribui para que os alunos aprimorem sua habilidade de adequar os itens de especificidade a situações comunicativas as mais diversas possíveis.

Quando os alunos constatarem o baixo prestígio social sofrido por AÍ especificador, podem ser instigados a investigar (em fonte bibliográfica ou mesmo entrevistando professores e/ou membros da comunidade em que vivem) se ele é considerado um vício de linguagem a ser evitado, quem assim o considera e por quais razões. Depois, os alunos podem discutir qual deveria ser a postura dos usuários da língua em relação a AÍ: se deveriam utilizá-lo como marca da especificidade somente na fala e/ou na escrita informal ou se deveriam utilizá-lo independentemente do tipo de modalidade e gênero textual. Nesse caso, cumpre ao professor adotar atitude contrária à estigmatização de formas lingüísticas (afinal, variação e inovação são uma constante na língua), sem deixar, porém, de apontar que certas formas podem ser entendidas, pela comunidade, como mais ou menos adequadas a certos contextos. Conscientes desse fato, os alunos estarão melhor instrumentalizados para decidir quando e como usar os itens da língua.

Na seção 3, apresentamos os resultados que obtivemos em referência à distribuição de AÍ especificador quanto à modalidade da língua e a cinco tipos de

discurso.<sup>9</sup> Observamos, então, que, na amostra considerada, AÍ ocorre em todos os tipos de discurso, mas apenas na fala. Certamente, em sua análise, os alunos descobrirão algo similar, isto é, identificarão como uma das diferenças entre AÍ e os demais itens de especificidade o fato de que ele tende a predominar na fala ou em textos escritos que incluem transcrição da fala (vide exemplo (3)) ou sua imitação, como em uma história em quadrinhos ou tirinha (vide exemplo (8)). Assim, os alunos perceberão, por conta própria, esta importante propriedade do AÍ especificador: ele não é circunscrito à fala, mas, quando aparece na escrita, destaca-se em gêneros que possuem traços da modalidade oral da língua. Nos gêneros orais e escritos de maior formalidade, AÍ especificador tende a ser barrado, em razão de seu baixo prestígio social.

Depois dessas atividades de leitura, análise e reflexão, os alunos estarão aptos a produzir textos de gêneros variados, orais e escritos, em que poderão testar o efeito causado pela presença de um ou outro dos itens de especificidade, escrevendo e reescrevendo os textos quantas vezes for necessário para que eles se tornem adequados ao fim a que se destinam.

Com esta apresentação de sugestões para a abordagem da gramática nas escolas de nível fundamental e médio, ilustrada com o caso da expressão da especificação em sintagmas nominais indefinidos, esperamos ter contribuído com “umas idéias AÍ” para a tarefa de erigir uma prática de ensino centrada na orientação dos alunos para a reflexão sobre a língua a fim de que melhor a compreendam e, assim, passem a empregá-la com eficácia em situações variadas de interlocução.

## Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CONFESSOR, F. W. AÍ especificador de SN indefinidos: fatores lingüísticos e sociais. In: LINS, J. N.; BEZERRA, R. A.; NEGREIRO, C. A. *Linguagem e discussões culturais*. João Pessoa: Ed. dos Organizadores, 2005. p. 115-126.
- ENÇ, M. The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, n. 22, 1991. p. 01-25.

---

<sup>9</sup> Baseamos nossa análise em tipos e não gêneros de discurso porque a fonte dos dados, o *Corpus Discurso & Gramática*, é composta por conjuntos de seqüências narrativas, argumentativas, descritivas, procedimentais, e não por gêneros específicos. De qualquer forma, todo gênero tende a ser constituído por uma ou mais dessas seqüências. Como encontramos AÍ especificador em todos os tipos de discurso que consideramos, cremos que ele possa aparecer em quaisquer gêneros que incluam esses tipos, desde que tais gêneros sejam utilizados em contextos informais, em especial na fala.

- FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Eds.). *Syntax and semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.
- HEINE, B. *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.
- LEVINSON, S. C. Conversational implicature. In: *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 97-166.
- MARTELOTTA, M. E. T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. Tese de Doutorado.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 27-28.
- PAYNE, T. *Describing morphosyntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- TAVARES, M. A. Um especificador *aí*. *D.E.L.T.A.*, n.17, v. 2, 2001. p. 209-235.
- \_\_\_\_\_. Do “mundo” exterior para o “mundo” interior: a trajetória *de re > de dicto* na emergência de funções gramaticais. *Working Papers em Linguística*, n. 5, 2002a. p. 11-123.
- \_\_\_\_\_. Gramaticalização do *aí* como especificador de sintagmas nominais indefinidos: a questão dos mecanismos de mudança. *Revista Letras*, n. 58. Curitiba: UFPR, 2002b. p. 225-246.
- VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Orgs.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Impresso, 1995.